

UM pitoresco milionário norte-americano cruza a Amazônia, acompanhado de outro milionário. Jibóia enrolada no braço, o Sr Malcolm Forbes pode parecer extremamente folclórico. Sua fortuna, entretanto, foi construída com intuições nada folclóricas. E é a partir da sua experiência de homem bem-sucedido que o editor do **Forbes Magazine** define o Brasil: “Não é o maior devedor do mundo; é o país que tem mais crédito no mundo.”

É uma pequena inversão de perspectiva; mas têm muito a aprender com ela os que, atualmente, refestelam-se na idéia da moratória, total ou parcial. O que o Sr Forbes viu no Brasil é o que têm visto os observadores ou turistas inteligentes, e que Stefan Zweig já vira há mais de 40 anos: uma enorme potencialidade de crescimento.

No tempo do angustiado escritor que se suicidou em Petrópolis, era só (ou quase só) potencialidade. Hoje, a potencialidade já produziu frutos concretos. O deputado Delfim Neto, ministro de administrações passadas, não agüentou a melancolia do debate de agora e explodiu: “A dívida é um sucesso”; pois a dívida serviu para pagar Itaipu, Tucuruí e outros projetos que mudaram o perfil produtivo do país.

Por mais complicado que seja o momento brasileiro, é uma piada de mau gosto retornar a um debate que devia estar encerrado: o de saber se o Brasil é ou não um país viável. Se o país não fosse viável, não teriam entrado aqui 100 bilhões de dólares em empréstimos — o maior crédito do mundo, como enxergou cristalinamente o Sr Forbes.

Quem emprestou tanto dinheiro ao Brasil não estava apenas tratando de arranjar destino para capitais acumulados. Não se justifica, assim, o mau humor do Sr Ulysses Guimarães, quando afirma que quem emprestou devia ter pensado mais no que estava fazendo, e que as reclamações agora chegam tarde.

Nesse tipo de exercício intelectual, o presidente do PMDB está apenas dando vazão ao estilo “oposicionista” de que o seu partido e o próprio Ulysses Guimarães não conseguem livrar-se. É uma bonita retórica de comício: é atraente e confortador dizer que a culpa é dos credores, porque *emprestaram demais*.

Assim fazendo, o Dr Ulysses está falando mal do seu próprio país, e tentando, por sua conta, dar conseqüência à frase infeliz (e injusta) de que “este não é um país sério”. Pois o que o deputado Ulysses Guimarães está dizendo é que o Brasil não merecia, mesmo, os 100 bilhões de dólares; não tinha condições de absorver tanto dinheiro.

Forbes parece enxergar mais longe: acha que o Brasil está à altura do risco que assumiram com ele. E seria bom que acreditássemos, afinal, nessa visão positiva e energética. Pois o Brasil não pode parar de crescer; e, para crescer, não lhe basta a própria poupança: vai precisar de investimento externo, de quem continue a acreditar — como o Sr Forbes — no risco brasileiro.

A retórica de certas alas do PMDB é outra. É a retórica do fechamento; do dar as costas ao mundo lá de fora. É uma velha cantilena pseudonacionalista, dos que acham que vender minérios é “abrir mão das nossas riquezas”. O que queriam que fizéssemos com os nossos minérios? Minério não se come; e o Brasil não tem utilização para todo o ferro que produz. E precisa importar.

A Constituinte pode ser um recipiente favorável ao caldo do ressentimento. Como aconteceu com o Portugal da Revolução dos Cravos, políticos de cabeça quente e idéias turvas podem ser levados a imaginar um país fechado em si mesmo, cozinhando as próprias mazelas. A essa imagem, é preciso contrapor quanto antes a percepção dos que acreditam que o Brasil tem futuro; e que esse futuro já está se transformando em realidade.